

# Angelo da Cunha Pinto

UM QUÍMICO COM ALMA DE ARTISTA

Marco de Canaveses, Portugal, 1948 — Rio de Janeiro, Brasil, 2015

Nascido em 1948, no norte de Portugal, na pequena cidade de Marco de Canaveses, próxima ao rio Tâmega e a cerca de 50 km do Porto, Angelo da Cunha Pinto construiu sua trajetória entre dois mundos. Ainda criança, aos dois anos de idade, mudou-se com a família para Niterói, no Rio de Janeiro, cidade que se tornaria seu espaço definitivo de vida e atuação acadêmica. Foi o primeiro de sua família a ingressar no ensino superior, formando-se em Farmácia pela UFRJ em 1971. Com humor característico, costumava dizer que havia escolhido o curso por ser “o mais perto que conseguiu chegar da Medicina, já que não gostava de sangue”. Esse comentário, ao mesmo tempo leve e revelador, antecipava traços de uma personalidade inquieta e pouco convencional, que marcaria toda a sua carreira.

Em 1974, concluiu o mestrado em Síntese Orgânica no Instituto Militar de Engenharia, sob orientação de Richard Allen Hollins, professor estadunidense que teve papel relevante na formação de químicos no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Pouco depois, iniciou sua atuação docente como professor assistente em regime de dedicação exclusiva, entre 1976 e 1990. Mesmo antes de obter o doutorado, recebeu autorização para orientar dissertações de mestrado, o que já indicava o reconhecimento institucional de sua maturidade científica.

Seu doutoramento foi conduzido de forma paralela e, em certa medida, pouco convencional. Entre 1978 e 1985, desenvolveu, de maneira autônoma, estudos em produtos naturais com foco na família Velloziaceae, particularmente na espécie *Vellozia compacta*, investigando diterpenos e suas caracterizações estruturais. Teve orientação formal de Roderick Arthur Barnes, pesquisador britânico vinculado ao Núcleo de Pesquisa de Produtos Naturais. Essa trajetória, marcada por autonomia intelectual e forte protagonismo, reflete com clareza o perfil criativo e, por vezes, desafiador do professor Angelo.

Ao longo de sua carreira, transitou com naturalidade entre a síntese orgânica e a química de produtos naturais, áreas que integrou de forma consistente. Sua produção científica foi extensa e diversificada, com destaque para os estudos envolvendo Velloziaceae, que se tornaram uma de suas maiores paixões acadêmicas. Paralelamente, desenvolveu contribuições relevantes em síntese orgânica, especialmente a partir da isatina, explorando novas transformações químicas com originalidade. Entretanto, limitar sua atuação apenas à pesquisa seria reduzir o alcance de sua influência. Angelo tinha uma inclinação igualmente forte para a educação e a divulgação científica. Demonstrava curiosidade ampla e genuína, interessando-se por diferentes temas e incentivando seus alunos a explorar caminhos próprios. Muitos de seus orientandos seguiram carreira acadêmica, frequentemente contando com seu apoio direto, seja por meio de ideias, reagentes ou análises espectroscópicas. Havia, nesse gesto, uma concepção generosa de ciência, entendida como construção coletiva.

Sua atuação institucional também foi expressiva. À frente do Instituto de Química da UFRJ, entre 2000 e 2004, exerceu papel importante na condução acadêmica e administrativa da unidade. No âmbito mais amplo da comunidade científica, destacou-se como uma liderança ativa na Sociedade Brasileira de Química, da qual foi presidente entre 1986 e 1988. Participou de forma decisiva na consolidação da área no país, atuando junto a agências de fomento e contribuindo para o fortalecimento da pesquisa em Química no Brasil.

Teve participação fundamental na criação e no desenvolvimento do Journal of the Brazilian Chemical Society, atuando como um de seus editores mais influentes. Também esteve entre os idealizadores da Revista Virtual de Química, à qual se dedicou intensamente, especialmente em seus primeiros anos. Costumava ler todos os artigos antes da publicação, mesmo após avaliação por pareceristas, demonstrando um cuidado editorial pouco comum. Orgulhava-se particularmente das capas da revista, frequentemente inspiradas em pinturas de seu acervo pessoal, convicto de que a estética também poderia aproximar leitores da ciência.

O reconhecimento de sua trajetória veio sob a forma de diversas honrarias, entre elas a eleição como membro titular da Academia Brasileira de Ciências em 1997. Recebeu ainda a Ordem Nacional do Mérito Científico, nas categorias Comendador (1998) e Grã-Cruz (2004), além de distinções como a Medalha Simão Mathias e o Prêmio Rheinboldt-Hauptman.

Entre seus projetos mais significativos, destacava com especial satisfação a implantação de laboratórios de Química em escolas públicas da Baixada Fluminense, como o Colégio Estadual José Veríssimo, em Magé, e o Colégio Mário Quintana, em Nilópolis. Essa iniciativa evidencia uma dimensão frequentemente menos visível de sua atuação: o compromisso com a formação científica em contextos historicamente negligenciados.

Dotado de vasta cultura geral e memória impressionante, era também um leitor voraz. Episódios cotidianos revelavam essa característica, como quando transformava uma pergunta trivial sobre uma planta em uma explicação detalhada de botânica. Seu legado não pode ser resumido a números, embora eles impressionem. Publicou mais de 300 trabalhos científicos, além de capítulos de livros e patentes, e orientou dezenas de mestres e doutores, deixando uma marca duradoura na formação de recursos humanos. Foi um cientista, ao mesmo tempo, rigoroso e apaixonado, articulador político e um contador de histórias, químico com alma de artista.

Fora do ambiente acadêmico, cultivava interesses nas artes, especialmente arte naïf, música e literatura. Sua personalidade, no entanto, não era isenta de controvérsias. Simples e espontâneo, adotava posturas pouco convencionais — nunca dirigiu ou utilizou telefone celular — o que, aliado ao seu temperamento direto, por vezes gerava estranhamento. Com ironia, costumava dizer que, ao morrer, seus defeitos desapareceriam e ele “viraria anjo”.

A extensão de sua trajetória e a multiplicidade de suas contribuições dificilmente caberiam em poucas páginas. Sua autobiografia na ABC condensou toda a sua paixão de uma vida na seguinte frase: “Se outras vidas houvesse, a opção seria estudar Química, o relicário que esconde o segredo da vida”. Sua vida, marcada por intensidade intelectual, independência e compromisso com a ciência, permanece como um capítulo singular na história da Química brasileira.

Fontes:  
FAPERJ. Uma vida dedicada à química. Revista Rio Pesquisa, ano VIII, n. 32, p. 27-30, set. 2015.  
INSTITUTO DE QUÍMICA, UFRJ. Notáveis da Química: Angelo da Cunha Pinto. Disponível em: <https://www.iq.ufrj.br/notaveisdaquimica/angelo-da-cunha-pinto/>. Acesso em: 4 abr. 2026.  
PLATAFORMA LATTES. Currículo Lattes: Angelo da Cunha Pinto. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0061106995455595>. Acesso em: 4 abr. 2026.  
SBPC. Nota de pesar: SBPC lamenta a morte de Angelo da Cunha Pinto. Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/noticias/notaquebrasbpc-lamenta-a-morte-de-angelo-da-cunha-pinto/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

Texto: Maria Domingues Vargas e Vitor Francisco Ferreira  
Adaptação e arte: Wilton J. D. do Nascimento Júnior

